

AS CONFISSÕES: PREÂMBULO DO MANUSCRITO DE NEUCHÂTEL

Jean-Jacques Rousseau

Tradução de Raphael Luiz de Araújo¹

Apresentação de Ana Amelia Coelho²
e Raphael Luiz de Araújo

Apresentação

A tradução que aqui apresentamos é ponto de partida para um diálogo entre o desejo de verdade de Rousseau e a condenação da sinceridade de Camus. Para entender como esse diálogo virtual entre autores tão distantes surgiu, é necessário contar um pouco sobre o diálogo real entre pesquisadores bem próximos que deu origem a este texto. O chamado “Preâmbulo do manuscrito de Neuchâtel”, que abriria as *Confissões* de Rousseau, é exemplar para a construção teórica de Philippe Lejeune em torno do gênero autobiográfico, cerne da pesquisa de uma das editoras da revista e coautora desta apresentação. Sentiu-se logo a necessidade de traduzi-lo para o português, o que até agora não tinha sido feito. Para isso, as editoras da revista resolveram pedir a colaboração de outro pesquisador, que desenvolve um trabalho sobre *A queda*, de Albert Camus, uma narrativa que coloca em xeque a possibilidade de confissão verdadeira. Aparentemente, Rousseau e Camus manifestariam posturas divergentes a respeito do ato confessional; mas, ao mesmo tempo, os dois escritores se encontrariam num ponto comum: eles problematizariam, cada um à sua maneira, a existência de um discurso de verdade sobre si, como veremos a seguir.

A escrita do preâmbulo de Neuchâtel

Rousseau produz num espaço de aproximadamente dez anos grande parte de sua obra de escritor. Entre o *Discurso sobre as ciências e as artes*, de 1750, até a redação *Do contrato social* e de *Emílio*, em 1762. De 1759 a 1762, ele junta documentos para compor suas *Confissões*. Em 1762, refugia-se em Neuchâtel, onde inicia a redação das *Confissões*. Ele abandona essa primeira versão, deixando o manuscrito com uma frase por terminar. Até sua morte, em 1778, dedica-se aos *Devaneios* e a outros poucos trabalhos.

¹ Estudante de graduação em Letras português-francês pela Universidade de São Paulo. É membro do grupo de estudos que publica a revista semestral *Criação & Crítica* e segue com pesquisa de iniciação científica, junto à Fapesp, cujo objeto é a obra *A queda*, de Albert Camus. E-mail para contato: raphael.araujo@usp.br

² Mestranda do programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da FFLCH-USP, pesquisa a obra crítica de Philippe Lejeune. É membro do grupo *Criação e Crítica*. Contato: anameliacoelho@gmail.com

O primeiro manuscrito das *Confissões*, que Rousseau entrega ao amigo Pierre-Alexandre Du Peyrou em 1767, traz um preâmbulo que não será mantido na edição definitiva. Em seu lugar, Rousseau redige outro texto introdutório, menos extenso e mais mordaz, em 1769, pouco antes de concluir as *Confissões*. Esse primeiro manuscrito está arquivado na Biblioteca de Neuchâtel desde 1795, quando da morte de Du Peyrou, e foi publicado em 1908, nos *Annales de la Société Jean-Jacques Rousseau*. Ele é composto pelo preâmbulo cuja tradução para o português apresentamos aqui, e por uma primeira versão dos livros 1 a 4, este último incompleto.

Existem ainda duas versões manuscritas das *Confissões*: o manuscrito de Paris, que Rousseau guardou consigo até sua morte, e o manuscrito de Genebra, provavelmente redigido em momento posterior ao manuscrito de Paris. Há poucas diferenças na redação desses dois manuscritos. De toda forma, o manuscrito de Genebra é a versão de base para o estabelecimento da maioria das edições modernas.

Daí o interesse crítico que levanta o manuscrito de Neuchâtel: inacabado, tem diferenças profundas em relação aos outros dois. Não se trata somente de ajustes na composição textual; o manuscrito de Neuchâtel apresenta um momento do empreendimento autobiográfico de Rousseau, que passa por modificações ao longo do tempo.

Em seus escritos autobiográficos, Rousseau emprega um tom de defesa, lançando um pedido de compreensão ao se justificar frente a acusações públicas, como as feitas por Voltaire, de que havia abandonado seus filhos. Ele havia determinado que as *Confissões* deveriam ser publicadas somente depois de sua morte. Sentindo-se constantemente perseguido, tomava diversas precauções para proteger seus escritos. Mesmo percebendo que o que tinha escrito até então necessitava de grandes ajustes, ele optou por não destruir o texto que havia produzido em Neuchâtel, como fazia habitualmente. Ao contrário, ele preferiu garantir, legando essa primeira versão a um amigo, que parte de seu projeto estava cumprido e que pudesse chegar à posteridade.

O preâmbulo de Neuchâtel anuncia uma postura inovadora na escrita pessoal; ainda hoje nos soa profético, anunciador — justamente porque levanta problemas e desafios que ainda são enfrentados pelos autobiógrafos de hoje. Os argumentos que Rousseau lança para convencer seu leitor da validade de suas confissões exploram os meandros da construção de si por meio da escrita.

Corrompendo a confissão: Rousseau e Camus

Segundo Lejeune (2005a, p. 209)³, Rousseau programa uma tripla revolução: no plano do conhecimento de si, buscando quebrar a opacidade das relações humanas; no plano social, porque reivindica, enquanto homem do povo, o direito a exprimir-se e contar sua história pessoal; e no plano da linguagem, ao demonstrar a preocupação em inventar uma linguagem nova para satisfazer seu desejo de verdade.

³ Em seu *site*, Philippe Lejeune apresenta as duas versões dos preâmbulos de Rousseau, acompanhados do texto que havia anteriormente publicado em livro (LEJEUNE, 2005b).

Quanto ao conhecimento de si, ele afirma que seu empreendimento alcançará o homem em todos os seus limites, ao expor sem pudor seus defeitos pessoais íntimos, deixando-se levar apenas pelo ritmo de suas emoções. Com essa postura, o filósofo se diferencia de outros escritores que se dissimularam ao escreverem sobre si mesmos: “eu serei verdadeiro; eu o serei sem reserva; direi tudo; o bem, o mal, tudo enfim”. Contudo, ele o faz de maneira paradoxal: ao promover a revelação total de sua vida, mostra-se ao mesmo tempo homem único e representativo de toda a humanidade.

Esse processo de julgamento do homem estabelecido por Rousseau é de tal forma revolucionário que encontra ecos na posterioridade. Por volta de dois séculos mais tarde, uma postura igualmente paradoxal é encontrada num dos momentos mais confessionais da carreira do escritor argelino Albert Camus (1913-1960), durante seus últimos anos de vida, na segunda metade da década de 50.

“Como todo mundo, eu tentei, de alguma forma, corrigir minha natureza pela moral. Infelizmente, foi o que me custou mais caro”⁴. Com esse pressuposto, Camus reflete sobre seu percurso de escritor no prefácio da edição de 1958 de *O avesso e o direito* — primeiro livro que publica, em 1937. Ele sustenta seu pensamento presente ao longo de sua obra diante de todas as críticas que vinha recebendo ao longo da década, seja pela publicação de *O homem revoltado* (1951), que resultou censuras por parte dos marxistas e a ruptura com Jean-Paul Sartre, seja pelo processo de independência da Argélia. Nesse momento, Camus se reafirma justamente para deixar-nos entrever a condição ambígua em que está situado, impossibilitado de escapar dos julgamentos sociais. Em outras palavras, ele apresenta uma postura que duvida de si mesma. Segundo Quilliot,

Ele nos era pintado como certo de si, de sua bela alma, e, para dizer tudo, confortável, no entanto, ele se inquietava e desejava fortemente que legitimássemos “a hesitante confiança que um autor tem em si e que tem sem cessar necessidade de ser reafirmada, pois a verdadeira grandeza não existe sem um plano de fundo de dúvida e modéstia”⁵

Dentre as obras em produção nessa época, embora haja maior valorização por parte da crítica de *O primeiro homem* (1994) enquanto autobiografia fundamental de Albert Camus, *A queda* (1956) se apresenta como chave confessional da face mais solitária e dilacerada do escritor. Nela, ele irá se opor a abstrações, maniqueísmos e moralismos, impostos pela necessidade da luta na época da Resistência, e irá abordar a existência em sua complexidade, dando espaço para a condição irônica do homem exposto aos julgamentos sociais.

A comparação do protagonista da narrativa, Clamence, com a realidade de Camus mostra que ambos compartilham diversas características físicas e psicológicas — como o fato de serem burgueses quadragenários (Camus tinha 43 anos quando publicou esse livro), de bom porte físico, terem amor pelo

⁴ “Comme tout le monde, j’ai essayé, tant bien que mal, de corriger ma nature par la morale. C’est, hélas ! ce qui m’a coûté le plus cher” (CAMUS, 1958, p.26-27).

⁵ “On nous le peignait sûr de lui, de sa belle âme, et, pour tout dire, confortable, cependant qu’il s’inquiétait et se prenait à désirer qu’on légitimait l’hésitante confiance qu’un auteur a en lui et qui a sans cesse besoin d’être rassurée car la vraie grandeur ne va pas sans un arrière-plan de doute et de modestie” (QUILLIOT, 1970, p. 261).

futebol e pelo teatro. No entanto, em entrevistas, o autor nega qualquer semelhança biográfica e deixa entrever que o foco seria antes criar um espelho dos moralistas da época e do homem moderno de uma maneira geral⁶. É o que mostram as comparações de passagens presentes em *Carnets II e III* direcionadas aos existencialistas com trechos da obra⁷.

Seguindo por esse processo de julgamento de si e dos homens, presente em Camus e em Rousseau, é possível ver que, em ambos os casos, o homem se posiciona como juiz de sua própria vida. *A queda* leva isso às últimas conseqüências, de tal forma que o protagonista toma a profissão de juiz-penitente. Rousseau acredita tocar a essência particular do homem ao pintá-lo respeitando suas emoções — ainda que nessa pintura as cores empregadas destoem entre si, e que se tenha um efeito de contraste. Camus deixa o equilíbrio humanista reinar sobre suas obras, mesmo ao transmitir a frustração da lucidez do homem moderno que se reconhece na tensão do absurdo.

Rousseau se afirma clarividente o suficiente para enxergar o homem por detrás de sua máscara: “para mim, com o cuidado de retirar sua máscara, eu o reconheci por inteiro. Eu pesei, comparei seus gostos respectivos, seus prazeres, seus preconceitos, suas máximas”. Já Camus encena os problemas da confissão sob uma forma ficcional e faz com que seu protagonista sobreponha “mentira” a “verdade”, impossibilitando qualquer confissão: “Aliás, agora só gosto de confissões, e os autores de confissões escrevem sobretudo para não se confessar, para nada dizer do que sabem. Quando pretendem confessar, é o momento de desconfiar, vai-se maquilar o cadáver” (CAMUS, 1986, p. 83).

Camus propõe, portanto, que a ficção, podendo ser chamada de mentira, como faz seu protagonista em algumas passagens, é representativa dos estados de um indivíduo, não como uma autobiografia colada à realidade que reconheça a essência do homem, pois ela seria inexistente. Em seu lugar, não haveria nada além de um vazio irônico que estaria por detrás da máscara do homem moderno, uma condição eternamente ambígua e questionável que, por mais que seja julgada, jamais será alcançada em sua totalidade: “Para deixar de ser duvidoso é preciso, pura e simplesmente, deixar de ser” (CAMUS, 1986, p. 52).

Reflexos invertidos da mesma imagem

As objeções à sinceridade na confissão, levantadas por Clamence, não são diferentes daquelas que os autobiógrafos enfrentam. Um pacto autobiográfico, como o de Neuchâtel, se posiciona como defesa prévia a possíveis refutações. Segundo Lejeune (1998, p. 62), entre os detratores e os defensores da autobiografia, um combate vertiginoso se desenrola. De ambos os lados, as condutas são muito similares, as armas utilizadas têm o mesmo poder.

⁶ A versão em norte-americana de *A queda* apresenta uma epígrafe de *O herói do nosso tempo*, de Mikhail Liérmontov, fazendo referência a um retrato do homem do seu tempo.

⁷ Uma crítica que faz bem esse papel é Jacqueline Lévi-Valensi em sua obra *La chute d’Albert Camus*.

Ao invés de pintar o retrato de um homem, Clamence extrai seus traços de humanidade, vai apagando suas características ao confundi-las com as de qualquer ser humano. Quer, ao mesmo tempo, dissolver qualquer imagem una que represente um caráter e se misturar aos homens de sua época. Rousseau coloca-se como homem “à parte” justamente porque pode circular entre os príncipes e os plebeus, construindo suas confissões como “peça de comparação”, a serviço de todos os homens.

Ainda que aparente seguir um procedimento inverso ao preâmbulo de Rousseau, *A queda* também apresenta a finalidade de levar o leitor a uma autorreflexão, até alcançar um sentimento de culpa: “Confessa, no entanto, que se sente hoje menos contente consigo mesmo do que há cinco dias?” (CAMUS, 1986, p. 96). Depois da confissão ficcional de Clamence (ou Camus?), somos por ele convidados a expor nossa vida e manter o ciclo eterno da confissão. A deformação do homem pela linguagem se faz necessidade para a revolta camusiana, que impõe a consciência do absurdo — que opõe a subjetividade humana à indiferença universal. — Eis o primeiro passo para a humanização do indivíduo e sua aproximação solidária aos seus semelhantes, que compartilham da mesma condição: “Experimente. Ouvirei, pode ficar certo, sua própria confissão, com um grande sentimento de fraternidade” (CAMUS, 1986, p. 96).

Assim, logo em sua *Prière d’insérer* da edição de 1956, Camus afirma que seu discurso é ficcional e calculado, demonstrando um movimento espelhado, no qual a autoconfissão aponta para a culpa do interlocutor. Nesse sentido é como se as seguintes palavras de Rousseau formassem um plano de fundo da postura de Clamence: “Mas que cada leitor me imite, que cada um adentre em si mesmo como eu fiz, e que no fundo de sua consciência se diga a si mesmo, se ousar: *eu sou melhor do que foi esse homem*”. Em meio a tais ecos, se fosse possível transmitir para uma imagem a síntese do que temos no ato confessional desses dois escritores, teríamos a câmara obscura de Rousseau: o que vemos é sempre colocado em cheque, um reflexo invertido da luz que entra pelo orifício.

AS CONFISSÕES
DE J.-J. ROUSSEAU⁸

Contendo o detalhe dos acontecimentos de sua vida,
e os sentimentos secretos que teve em cada situação
em que se encontrou.⁹

Tenho reparado frequentemente¹⁰ que, mesmo entre aqueles que mais se obstinam em conhecer os homens, cada um só pode conhecer a si mesmo, se é mesmo verdade que alguém se conheça; pois como determinar bem um ser somente pelas relações que estão nele mesmo, sem compará-lo com nada? No entanto, esse conhecimento imperfeito que se tem de si é o único meio empregado para conhecer os outros. Fazemos de nós medida para tudo — e é precisamente nesse ponto que a dupla ilusão do amor próprio nos aguarda; seja projetando equivocadamente sobre as pessoas que julgamos os motivos que nos teriam feito agir no lugar delas; seja, nessa mesma suposição, insistindo sobre nossos próprios motivos, por não sabermos nos transportar de maneira razoável a outra situação diferente daquela em que estamos.

Fiz essas observações sobretudo em relação a mim, não a partir dos julgamentos que fiz dos outros — sentindo-me logo um ser à parte — mas a partir dos julgamentos que fizeram de mim; julgamentos quase sempre falsos segundo os motivos que eles atribuíam a minha conduta, e ainda mais falsos que o habitual, pois aqueles que os faziam eram mais espirituosos. Quanto mais abrangente era a regra deles, mais a sua falsa aplicação os afastava do objeto.

Sobre essas constatações eu decidi fazer os meus leitores darem um passo a mais no conhecimento dos homens, tirando-os, se possível, dessa regra única e equivocada de julgar sempre o coração do outro pelo seu; enquanto seria necessário, ao contrário, para conhecer o seu próprio coração, começar a lê-lo no do outro. Quero provar que para aprender a se apreciar, nós devemos ter no mínimo uma peça de comparação; que cada pessoa deve conhecer a si e a um outro, e esse outro será eu.

Sim, eu, eu sozinho, pois até agora eu não conheço nenhum outro homem que tenha ousado fazer o que estou me propondo. Histórias, vidas, autorretratos, caráteres! O que é tudo isso? Romances engenhosos construídos sobre alguns atos exteriores, sobre alguns discursos que se referem a si mesmos, sobre conjecturas sutis nas quais o Autor busca fazer brilhar mais a si mesmo do que encontrar a verdade.

⁸ Utilizamos como base para nossa tradução o texto estabelecido por Marcel Raymond e Bernard Gagnebin no primeiro volume das obras completas de Rousseau, publicadas na coleção Pléiade (ROUSSEAU, 1959); dela também adaptamos algumas notas que servirão de apoio à leitura. Igualmente importante é a edição facsimilar dos manuscritos, citada em nossa bibliografia (1973).

⁹ Título que figura na página preliminar do manuscrito de Neuchâtel (no 7841) [N. d. T.].

¹⁰ Rousseau datou posteriormente este manuscrito como de 1764. [N. d. T.].

Apreendemos os traços que se destacam em um caráter, ligamos por traços de invenção e, contanto que esse todo construa uma fisionomia, é importante que se assemelhe a algo? Ninguém pode julgar isso.

Para conhecer bem um caráter seria necessário distinguir entre o que é adquirido e o que vem da natureza, ver como ele é formado, quais ocasiões o desenvolveram, qual encadeamento de afeições secretas o tornou tal como ele é, e como ele se modifica, para produzir por vezes os efeitos mais contraditórios e mais inesperados. O que se vê não é tão-somente menor parte do que se é; é o efeito aparente cuja causa interna está escondida e normalmente é demasiado complicada. Cada um adivinha à sua maneira e pinta de acordo com sua fantasia; não se tem medo de confrontar a imagem ao modelo, mas como nos fariam conhecer esse modelo interior, se aquele que o pinta no outro não poderá ver e se aquele que o vê em si mesmo não quer mostrar?

Ninguém pode escrever a vida de um homem a não ser ele mesmo. Sua maneira de ser interior, sua verdadeira vida só é conhecida por ele; mais ao escrevê-la ele a disfarça; sob o nome de sua vida ele faz sua apologia; ele se mostra como ele quer ser visto, mas de forma alguma como ele é. Os mais sinceros são no máximo verdadeiros no que dizem, mas mentem pelas suas reticências, e o que eles calam muda tanto o que eles fingem confessar, que, ao dizer apenas uma parte da verdade, eles acabam por não dizer nada. Eu coloco Montaigne no topo desses falsos sinceros que querem enganar dizendo a verdade. Ele se mostra com defeitos, mas só apresenta os defeitos afáveis, e não existe nenhum homem que não tenha defeitos odiosos. Montaigne se pinta como aparenta ser, mas de perfil¹¹. Quem sabe se alguma cicatriz na bochecha ou um olho furado do lado que ele nos escondeu não teria mudado totalmente sua fisionomia. Um homem mais vão que Montaigne, no entanto, mais sincero, é Cardano. Infelizmente esse mesmo Cardano é tão louco que não se pode tirar nenhuma instrução dos seus devaneios. Aliás, quem iria querer pescar tão poucas instruções em dez volumes de extravagâncias?

É certo, portanto, que se eu cumprir tudo que eu prometo, terei feito uma coisa única e útil. E que ninguém objete que, por ser apenas um homem do povo, eu não tenha nada que mereça a atenção dos leitores. Isso pode ser verdadeiro no que concerne aos acontecimentos da minha vida: mas eu escrevo menos a história desses acontecimentos em si mesmos que a história do meu estado de alma, na medida em que tais acontecimentos se passaram. Ora, as almas só são ilustres na medida em que têm sentimentos mais ou menos grandiosos e nobres, as ideias mais ou menos vivas e numerosas. Os fatos são aqui apenas causas ocasionais. Mesmo que eu tenha vivido dentro de certa obscuridade, se eu pensei mais e melhor que os Reis, a história da minha alma é mais interessante que a deles.

Digo mais. Ao levar em conta a experiência e a observação, eu estou, dessa maneira, na posição mais vantajosa que um mortal já se encontrou, visto que, sem pertencer a nenhum estado, eu conheci todos os estados; eu vivi em todos, desde os mais baixos até os mais elevados, exceto o trono. Os Grandes só conhecem os Grandes, os pequenos só conhecem os pequenos. Esses só veem os primeiros por meio da

¹¹ Interessante observar o quanto Rousseau deve a Montaigne; e que no “Quarto devaneio”, Rousseau se questiona se em suas *Confissões*, “num movimento involuntário”, ele teria escondido um lado disforme de sua personalidade, pintando-se de perfil (ROUSSEAU, 1959, 1036) [N. d. T.].

admiração pela condição deles e só são vistos pelos primeiros com um desprezo injusto. Nessas relações demasiado distantes, o ser comum a uns e aos outros, o homem, escapa igualmente aos dois. No meu caso, com o cuidado de retirar sua máscara, eu o reconheci em todas partes. Eu pesei, comparei seus gostos respectivos, seus prazeres, seus preconceitos, suas máximas. Admitido junto a eles como um homem sem pretensões e sem consequência, eu os examinava à vontade; quando eles paravam de se disfarçar, eu podia comparar o homem ao homem, o estado ao estado. Não sendo nada, não querendo nada, eu não envergonhava e não importunava ninguém; eu entrava em todos os lugares sem me apegar a nada, em alguns casos almoçando de manhã com os Príncipes e jantando à noite com os plebeus.

Se eu não tenho fama pela condição ou pelo nascimento, eu tenho uma outra que vale mais para mim e que adquiri melhor: tenho a fama das infelicidades. Os rumores das minhas infelicidades cobriram a Europa; os sábios se surpreenderam, os bons se afligiram: todos entenderam enfim que eu havia conhecido melhor que eles esse século sábio e filósofo: eu havia visto que o fanatismo que eles davam por aniquilado estava apenas disfarçado; eu o disse antes que ele jogasse fora a sua máscara¹², mas não esperava que eu fosse quem faria que ela fosse jogada fora. A história desses acontecimentos dignos da pena de Tácito deve ter algum interesse sob a minha. Os fatos são públicos e todos podem conhecê-los; mas trata-se de encontrar suas causas secretas. Naturalmente, ninguém os viu melhor do que eu; mostrá-los é escrever a história da minha vida.

Os acontecimentos foram tão variados, senti paixões tão vivas, vi tantas espécies de homens, passei por tantos tipos de estado, que no espaço de cinquenta anos eu pude viver vários séculos, quando soube tirar proveito de mim. Tenho, portanto, no número dos fatos e em suas variedades tudo que é necessário para tornar minhas narrativas interessantes. Não obstante, talvez elas não o sejam, mas isso não será culpa do assunto, será culpa do Escritor. Até na vida mais brilhante, o mesmo defeito poderia ser encontrado.

Se meu empreendimento é singular, a situação que me fez realizá-lo não é menos. Dentre meus contemporâneos, poucos homens são tão conhecidos na Europa, e ao mesmo tempo tão ignorados como indivíduo. Meus livros percorriam as cidades enquanto o Autor deles percorria apenas as florestas. Tudo me lia, tudo me criticava, tudo falava de mim, mas na minha ausência; eu estava tão longe dos discursos quanto dos homens; eu não sabia nada do que diziam. Cada um me imaginava de acordo com sua fantasia, sem temer que o original viesse desmenti-la. Havia um Rousseau no grande mundo e outro retirado, que não se assemelhava em nada com o primeiro.

Não é que, pensando bem, eu deva me queixar dos discursos públicos a meu respeito¹³; se algumas vezes eles me dilaceraram sem deferência, da mesma forma eles me honraram com frequência. Isso dependia das diversas disposições do público a meu respeito e segundo seus preconceitos favoráveis ou contrários: ele não se inclinava mais nem para o bem nem para o mal. De tal forma que julgando-me somente pelos meus

¹² Ver o prefácio de meu primeiro Discurso impresso em 1750 [N. d. A.].

¹³ Eu escrevia isso em 1764, já com a idade de 54 anos, e bem distante de prever o destino que me esperava a essa idade. Eu teria agora que mudar muito esse texto; não mudarei absolutamente nada [N. d. A.].

livros, segundo o interesse e o gosto dos leitores, não se fez de mim nada além de um ser imaginário e fantástico que mudava de rosto a cada escrito que eu publicava. Mas uma vez, quando tive inimigos pessoais, eles formaram sistemas de acordo com seus pontos de vista, sobre os quais, em coro, eles estabeleceram minha reputação, que eles não conseguiam destruir completamente. Para evitar a todo custo um papel odioso, eles não me acusavam de ações ruins que fossem verdadeiras ou falsas, ou se me acusavam de tais ações, atribuíam-nas à minha obstinação, de maneira que se acreditou que eles estavam recebendo algo em troca por tanta bondade e que honravam o seu coração às custas do meu. Mas, ao fingir desculpar minhas faltas, eles sobrecarregavam meus sentimentos, e, parecendo me ver de forma favorável um dia, eles me expunham bem diferente em outro.

Tornou-se cômodo ter esse tom sensato. Fingindo ser indulgentes, denegriam-me bondosamente; por efusão de amizade, faziam-me detestável; com pena de mim, dilaceravam-me. Foi assim que, poupado nos fatos, fui cruelmente tratado no caráter, e acabaram por me tornar detestável ao me louvarem. Nada era mais diferente de mim do que essa pintura: não se pode dizer que eu estava melhor, mas eu era outro. Não estavam sendo justos comigo nem no bem nem no mal: ao me atribuírem virtudes que não tinha faziam-me mau, e, ao contrário, com os vícios que ninguém conhecia eu me sentia um homem bom. Se eu fosse mais bem julgado, poderia perder entre os vulgares, mas teria ganho entre os sábios, e eu aspirava somente o sufrágio desses últimos.

Aí estão não somente os motivos que me fizeram realizar este empreendimento, mas as garantias de minha fidelidade para executá-lo. Visto que meu nome deve durar entre os homens, não quero de nenhuma maneira que ele tenha uma reputação mentirosa; não quero que me deem virtudes ou vícios que não tinha, nem que me pintem sob traços que não foram os meus. Se eu tenho algum prazer ao pensar que viverei na posterioridade, são pelas coisas que estão mais próximas de mim que as letras do meu nome; prefiro que me conheçam com todos os meus defeitos e que esse seja eu mesmo, do que com qualidades forjadas, sob uma personagem que me é estranha.

Poucos homens fizeram pior que eu, e nunca um homem disse sobre si mesmo o que eu tenho a dizer de mim. Não existe nenhum vício de caráter cuja confissão não seja mais fácil de fazer que a de uma ação obscura ou baixa, e podemos garantir que aquele que ousa confessar tais ações confessará tudo. Aí está a árdua, mas certa, prova da minha sinceridade. Eu serei verdadeiro; eu o serei sem reserva; direi tudo; o bem, o mal, tudo enfim. Vou corresponder rigorosamente ao meu título e nunca nem mesmo a devota mais temerosa fez um exame de consciência melhor do que aquele ao qual me preparo; ela jamais revelou tão escrupulosamente ao seu confessor todos os segredos de sua alma como vou revelar todos os da minha ao público. Que comecem a me ler somente a partir da minha palavra; não irão longe sem ver que quero mantê-la.

Para isso que vou dizer seria necessário inventar uma linguagem tão nova quanto meu projeto: pois, qual tom, qual estilo usar para desembaraçar o caos imenso de sentimentos diversos, tão contraditórios, normalmente tão vis e algumas vezes tão sublimes pelos quais fui constantemente comovido? Quantos nada, quantas misérias são necessárias que eu exponha, em quais detalhes revoltantes, indecentes, pueris e

frequentemente ridículos não devo entrar para seguir o fio das minhas disposições secretas, para mostrar como cada impressão que deixou vestígios em minha alma adentrou-a pela primeira vez? Enquanto me envergonho só de pensar nas coisas que é necessário dizer, eu sei que homens duros ainda tratarão com impudência a humilhação das minhas mais penosas confissões; mas é necessário fazer essas confissões ou me disfarçar; pois se eu calo alguma coisa não conhecerão nada de mim; se tudo se mantém, se tudo fica no meu caráter, da mesma forma esse estranho e singular conjunto precisa de todas as circunstâncias da minha vida para ser bem revelado.

Se eu quisesse fazer uma obra escrita com cuidado como fazem os outros, eu não me pintaria, eu me maquiaria. Aqui se trata do meu retrato, não de um livro. Pode-se dizer que vou trabalhar numa câmara obscura¹⁴; não é necessária nenhuma arte além de seguir os traços que vejo marcados. Portanto, tomo partido sobre o estilo como sobre as coisas. Não vou fazer questão de torná-lo uniforme; terei sempre o estilo que me vier, vou mudá-lo segundo meu humor, sem escrúpulos, direi cada coisa como a sinto, como a vejo: sem sofisticação, sem incômodo, sem me embaraçar com as cores disparates¹⁵. Entregando-me ao mesmo tempo à lembrança da impressão que tive e ao sentimento presente eu pintarei duplamente o estado da minha alma, isto é, no momento em que o evento aconteceu e no momento em que eu o descrevi; meu estilo desigual e natural, às vezes rápido e às vezes difuso, às vezes sábio e às vezes louco, às vezes grave e às vezes alegre fará ele próprio parte da minha história. Enfim qualquer que seja a maneira com a qual essa obra poderá ser escrita, ela será sempre enquanto objeto um livro precioso para os filósofos: ela é, eu repito, uma peça de comparação para o estudo do coração humano, e é a única que existe.

Eis o que eu tinha a dizer a respeito do espírito com o qual eu escrevo sobre minha vida, sobre o qual se deve lê-la e sobre o uso que se pode tirar dela. As ligações que eu tive com diversas pessoas me forçam a falar delas tão livremente quanto falo de mim. Não posso me fazer conhecer bem sem que as faça conhecidas também, e não se deve esperar que, dissimulando nesta ocasião o que não pode ser calado sem ferir as verdades que devo dizer, eu terei por outros o respeito que não tenho por mim mesmo. Eu ficaria, todavia, bem descontente ao comprometer quem quer que seja: a resolução que tomei de não deixar de forma alguma que essas memórias apareçam enquanto eu estiver vivo é um efeito das considerações que quero ter pelos meus inimigos em tudo o que não interessa à execução do meu projeto. Eu tomarei até mesmo as medidas mais corretas para que este escrito só seja publicado quando os fatos que ele contém passarem a ser, por obra do tempo, indiferentes a todo mundo, e o colocarei somente em mãos seguras o bastante para que não seja nunca feito nenhum uso indiscreto dele. No que a mim respeita, eu seria pouco punido se ele aparecesse enquanto eu estiver vivo, e não lastimaria o desprezo que alguém poderia ter por

¹⁴ Em francês, *chambre obscure*; dispositivo ótico (caixa ou câmara) composto por lentes e espelhos, dentro do qual se forma, por intermédio de uma pequena abertura (ou uma lente), a imagem de uma cena externa. Seu princípio já era conhecido desde o século XVI, momento em que eram feitos os primeiros estudos de fenômenos solares. As câmeras analógicas atuais são câmaras obscuras dotadas de película [N. d. T.].

¹⁵ Em francês, *bigarrure*, do verbo *bigarrer*: formar um conjunto visual, com cores que contrastam umas ao lado das outras. Montaigne emprega o termo *bigarrure* para caracterizar os seus *Ensaíos*. Logo, pode-se observar que Rousseau propõe em suas confissões um estilo aparentado ao de Montaigne [N. d. T.].

mim depois de me ter lido. Aqui eu digo coisas detestáveis de mim e das quais eu teria horror de querer me desculpar; mas também essa é a história mais secreta da minha alma, essas são rigorosamente minhas confissões. É justo que minha reputação repare o mal que o desejo de conservá-la me fez fazer. Eu aguardo os discursos públicos, a severidade dos julgamentos pronunciados a altos brados, e eu me submeto a eles. Mas que cada leitor me imite, que cada um adentre em si mesmo como eu fiz, e que no fundo de sua consciência se diga a si mesmo, se ousar: *eu sou melhor do que foi esse homem*¹⁶.

¹⁶ Fórmula empregada em diversos outros escritos: cartas a Mme Houdetot, a Malesherbes, a Duclos, nas próprias confissões, no início, livro I e no livro X (ROUSSEAU, 1959, p. 1232, nota 6).

Referências bibliográficas

- CAMUS, Albert. *A queda*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- _____. *L'envers et l'endroit*. Paris: Gallimard, 1958.
- LEJEUNE, Philippe. *L'Autobiographie en France*. Paris: Armand Colin, 1998.
- _____. "Rousseau et la révolution autobiographique". In: *Signes de vie*. Paris: Seuil, 2005a, p. 209-214.
- _____. *Rousseau et la révolution de l'autobiographie*: Introduction aux préambules des *Confessions*. 2005b.
- Disponível em: <<http://www.autopacte.org/Sur-les-pr%E9ambules-de-Rousseau.html>> . Acesso em: 10 fev. 2010.
- QUILLIOT, Roger. *La mer et les prisons : essais sur Albert Camus*. Viena, Gallimard, 1970.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Œuvres complètes. I. Les Confessions. Autres textes autobiographiques*. direction de Bernard Gagnebin et Marcel Raymond. Pléiade. Paris: Gallimard, 1959.
- _____. *Les Confessions: Reproduction du manuscrit de Neuchâtel*. Lausanne: Bibliothèque Romande, 1973.

Artigo recebido em: 09/03/2010

Artigo aprovado em: 09/03/2010

Referência eletrônica: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As Confissões*: Preâmbulo do manuscrito de Neuchâtel. Tradução de Raphael Luiz de Araújo e apresentação de Ana Amelia Coelho e Raphael Luiz de Araújo, *Revista Criação & Crítica*, n. 4, p. 218-229, 2010.

Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/18CC_N4_tradRAraujo.pdf>